

Governo não tem como controlar preços

Paul Singer — Tenho opinião diferente do Simonsen a respeito do que é que significa o Plano Bresser. Quando o Plano Cruzado começou a fazer água, a própria equipe econômica, naquela ocasião, teve um diagnóstico que era basicamente esse: o Plano foi excessivamente generoso com os assalariados, os salários subiram demais, isso fez estourar o consumo, portanto, há um excesso de demanda, e o jeito de equilibrar, de fazer o Plano ter êxito é cortar a demanda. Eu acredito que a linha do Plano Bresser é a tentativa de aprender com o pretensão erro do Plano Cruzado de excesso de demanda, cortando a demanda. A política salarial implícita no Plano Bresser, a política tarifária, todas as políticas, inclusive monetária, são o oposto do Plano Cruzado. A única coisa que se conserva é o próprio congelamento por um prazo muito pequeno com aviso prévio e, com a parte de fiscalização praticamente nula. As tabelas nem agora saíram, e já estamos há 3 semanas depois de decretado o congelamento. Eu estou bastante em desacordo com o diagnóstico feito na ocasião. Eu acho que a falha do Plano Cruzado não se deu apenas pelo excesso de demanda. Houve excesso de demanda sim, a meu ver não devido aos salários. Os salários não subiram, no início do Plano Cruzado, de uma forma tão significativa. Subiram ao longo do Plano Cruzado. Mas o que houve realmente foi uma mudança de comportamento dos consumidores e na verdade uma desorganização do lado da oferta. Saiu-se do congelamento aos trombações. E o Plano Bresser não dá a menor atenção a isso de novo. Me pergunto o que vai acontecer uma vez terminado o congelamento em fins de julho, com uma inflação formal de 3%, 4%. Isso implica que os salários receberão antecipações mensais de 3%, 4% por 3 meses. Ou seja, segura-se os salários mais uma vez. Aí é que está a questão toda.

Cesar Maia — Eu mudaria o desastre. Não é naufrágio. Vocês lembram do carro que deu uma freada, na estrada da Alemanha, e bateu todo mundo atrás? Nós estamos na situação em que não tem nem escaler para sair dessa. Temos que buscar outra condução. Eu não diria que esse plano é conservador. Esse plano não é plano nenhum, não é rigorosamente nada.

Esse plano não altera a expectativa dos agentes econômicos. Os agentes econômicos estão ven-

do o governo apresentar uma lei ao Congresso Nacional que termina com qualquer controle sobre endividamento de Estados e Municípios.

Por outro lado, o governo não tem como controlar preços. Acho que essas manifestações do Rio de Janeiro foram altamente funcionais ao Plano, criaram um trauma para quem ia reajustar preços, porque o governo não tem Sunab, não tem CIP, não sabe a quantas anda. A saída do Plano é uma saída que certamente vai levar à depressão. Não existe a alternativa depressão versus recessão. A alternativa é depressão ou hiperinflação.

Um processo desses vai levar a uma crise social profunda, não tem dúvida nenhuma. A depressão com crise social é um diagnóstico que se pode fazer com certeza. Até o final do ano este país aí estará traumatizado, as repercussões políticas vão ser gravíssimas. Eu acho que é o momento de haver um mínimo de entendimento nacional. Se não for possível fazer com os partidos, se faz com forças dentro do partido. Acho que esse nome de Plano de Consistência Macroeconômica é um nome bonito para Carta de Intenções. Com os objetivos macroeconômicos, de inflação, déficit público e ponto final. Não cria nenhuma expectativa em nenhum setor da economia, e nós vamos realmente para o desastre, para a depressão, para uma crise social profunda, com repercussões políticas muito delicadas. Isso deve nos colocar apreensivos e buscar um entendimento para atravessarmos essa transição democrática.

Edmar Bacha — Eu acho que nós estamos enfrentando uma crise de estabilização clássica. Acho que a recessão pode ser forte mas eu presumo que ela deve ser curta. Porque vós não temos o problema de estrangulamento externo. A perspectiva agora não é de contenção de importações, mas de expansão de importações. A possibilidade de que a recessão fosse longa — que eu acho que não existe — é se nós estivéssemos combatendo a inflação do lado da demanda. Eu discordo do Paul Singer. Acho que a desindexação está aí, inclusive nas ruas, para caracterizar que essa inflação, essa

ameaça de hiperinflação, na verdade, está se combatendo com uma fortíssima desindexação numa economia que estava altamente indexada. E, como todo mundo está notando, o que está faltando na verdade é um controle do déficit público. É fato que o salário real está baixo e a taxa de juros está elevada. Isso implica a queda da demanda, porque o setor privado está sendo expulso do mercado por causa da pressão do déficit, agravado pelas linhas de endividamento e de financiamentos especiais.

A inflação não está sendo controlada só do lado da demanda. Muito pelo contrário, de novo estão tentando controlar muito fortemente pelo lado da oferta, pela desindexação, e não temos o problema de restrição do lado das importações. São os dois fatores que podiam fazer com que a recessão fosse longa. Eu não diria que o problema nosso principal seja a recessão, e sim o conflito distributivo, que está sendo causado pela maneira com que o Plano Bresser está sendo implementado.

Existe uma expectativa de crescimento de renda generalizada na sociedade, e está em perfeita e total contradição com as possibilidades de expansão da renda no momento. E eu diria que a situação se agrava porque nós estamos com essa insatisfação generalizada, a nível do setor privado e dos assalariados. Estamos precisando fazer as duas coisas: fechar o déficit público e aumentar os impostos.

O dilema que estamos enfrentando agora não é de recessão. É o problema desse conflito distributivo, porque, a economia está muito apertada face às demandas. A perspectiva de consertar esses apertos, apontam, em princípio, na direção de conter o consumo do setor privado. E como é que saímos desse dilema? Talvez pudéssemos encaminhar a discussão por aí, vendo a questão pelo lado da renegociação da dívida externa, e o papel que tem o FMI dentro desse processo; precisamos também de um acordo interno para permitir o manejo, a controlabilidade do déficit, por um lado, e de um acordo consensual sobre salários e preços, para garantir previsibilidade e transparência à ação governamental. A alternativa a isto é um reforço sobre o autoritarismo.